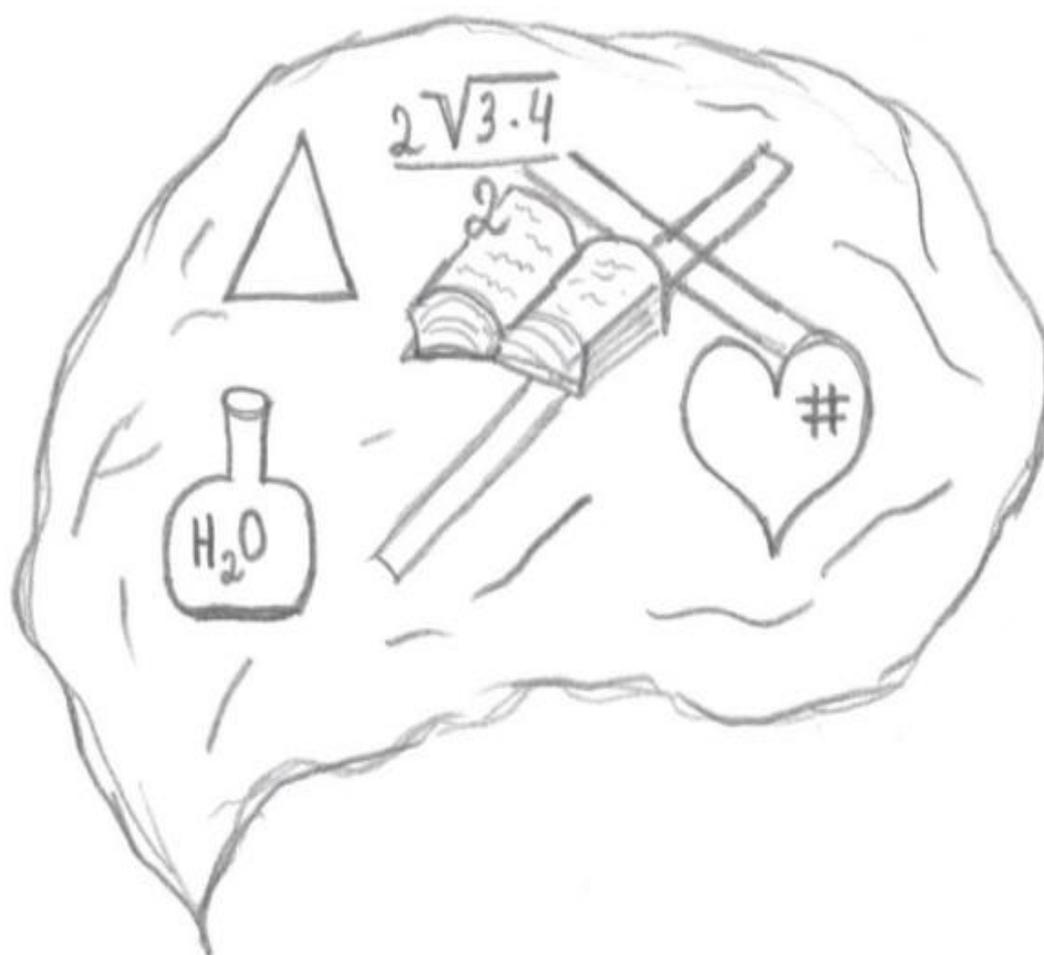


# ESCRITOS DE EDUCAÇÃO III: Teoria do conhecimento

Coleção ensino de filosofia por meio da literatura de cordel

João Uilson e Ronilson Lopes



IFAM CAMPUS LÁBREA  
2017

Texto: João Uilson Vieira Filho e Ronilson de Sousa Lopes

Correções ortográficas: Vanuza Xavier Amorim

Imagem da capa: João Uilson Vieira Filho

Introdução: Vanessa Araújo Galvão

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	04
2. Experiência literária.....	06
3. Experiência literária.....	07
4. Propostas didáticas.....	08
5. Mitologia grega.....	10
6. Biografia de João Uilson.....	17
7. Biografia de Ronilson Lopes.....	18

## INTRODUÇÃO

A literatura de cordel é bastante antiga. Há relatos de que teve início no século XII, através da narração oral da peregrinação à Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela. Os textos foram propriamente escritos somente em meados do século XV, nesta época a referida literatura espalhou-se por diversas regiões como: França, onde era conhecida como *literature de Colportage*, Inglaterra com o termo *Chapbook*, na Espanha como *Pliegos Sueltos* e em Portugal como as *Folhas Volantes*, ou como são chamadas hoje, literatura de cordel.

Mas afinal o que é literatura de cordel? Trata-se de canção popular construída em versos, impressa e divulgada em folhetos. As imagens contidas neste tipo de literatura são confeccionadas através da técnica de xilogravura, também são utilizados desenhos e clichês zincografados. Ganhou o nome de Cordel pela forma como os folhetos eram expostos para divulgação e comercialização, geralmente pendurados em cordas ou barbantes nas ruas, praças e feiras culturais.

Sua chegada ao Brasil está intimamente relacionada ao processo de colonização do Brasil pelos portugueses, estes trouxeram a literatura, primeiramente para o estado da Bahia, e aos poucos, com a advinda do êxodo rural espalhou-se por outras regiões do país, firmando-se como expressão literária nordestina. Influenciou muitos escritores importantes como Patativa do Assaré, João Guimarães Rosa e Ariano Suassuna.

No início de sua floração no Brasil, o cordel por ser de fácil produção e circulação de ideias, cumpria a função de socializar temas do cotidiano do povo simples do interior, uma vez que não se tinha acesso a jornais impressos, aparelhos televisivos ou outros meios de comunicação.

Atualmente a literatura de Cordel tem ganhado novas roupagens a partir das novas tecnologias, bem como ampliado seu uso, perpassando vários espaços, como é o caso da utilização de textos em cordel nos ambientes educativos. Cito como exemplo esta coleção de textos, onde os autores, João Uilson e Ronilson Lopes, desenvolvem textos utilizando este formato para discutir filosofia na sala de aula com os discentes do Ensino Médio.

São textos simples e de fácil compreensão. Desta forma acredita-se que seus escritos podem ser utilizados na sala de aula com os alunos, principalmente os dos primeiros anos do Ensino Médio, os quais estão tendo, na maioria das vezes, o primeiro encontro com a disciplina de filosofia.

Os autores não tem a pretensão de fazer com que os professores desta disciplina substituam os textos dos filósofos, mas estão apenas sugerindo uma opção a mais com o objetivo de ampliar a possibilidade de reflexão sobre temas, muitas vezes áridos, de forma prazerosa e descontraída.

Acredita-se que a leitura deste gênero pode contribuir para o gosto pela literatura e para incentivar os alunos a fazerem outras experiências literárias, bem como de produção de textos, embora caiba lembrar que

nem todo mundo tem habilidades artísticas, evidentemente que existe a necessidade dos discentes produzirem alguns trabalhos, estes não devem ser, necessariamente em cordel, o mais importante, neste caso é conseguir refletir e discutir os conceitos filosóficos, pois adquirindo estas habilidades, com toda certeza passar as ideias para o papel será bem mais fácil.

Os textos fazem parte de uma coleção e iniciam discutindo a mitologia grega e amazônica, perpassa pelos filósofos pré-socráticos e pelos conceitos de filosofia e, finalizam refletindo sobre o papel da educação e do homem enquanto ser que busca o conhecimento.

Assim desejo uma boa e prazerosa leitura

Vanessa Araújo Galvão

Lábrea 26 de Agosto de 2017.

## EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

O grande amor que tenho pela Literatura de Cordel teve início ainda na infância quando minha mãe reunia a filharada para ler ao redor do leito. Foram muitos livros, entre eles alguns de cordel como: A chegada de Lampião ao inferno, João das questões, Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho, João Grilo e tanto outros.

Portanto a minha memória do cordel é cheia de afeto. Foi lendo o cordel que aprendi a juntar as primeiras palavras e ouvindo as narrativas que pude pensar em contar minhas primeiras histórias.

Quando me tornei adolescente comecei a escrever poesias e, em seguida contos, porém não conseguia escrever cordéis, embora tivesse muita vontade de fazê-lo. Pensava comigo, um dia ainda escrevo um cordel.

O que aconteceu em 2016 quando escrevi o cordel O Fofoqueiro. Após esse fato não conseguir mais parar de escrever, principalmente aqueles que estão relacionados a algum tema que trabalho na sala de aula de filosofia no Instituto Federal.

Ultimamente, duas coisas me deixaram surpresos, a primeira foi o fato de descobrir alguns livros antigos de cordéis de escritores aqui de Lábrea, cidadezinha do interior do Amazonas; a segunda, foi ver alguns dos meus alunos produzindo livros de cordéis para discutir temas importantes entre os colegas de classe.

Essas coisas só provam que a literatura de cordel continua viva e ao mesmo tempo encanta uma gama de novos leitores do século XXI.

Lábrea, 25 de Agosto de 2017.

Ronilson de Sousa Lopes

## EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Antes de conhecer a Literatura de Cordel, já tinha a poesia como encanto. Tentava juntar as letras e compor palavras, mas quando ouvi pela primeira vez o cordel apaixonei-me, foi amor a primeira vista.

Tudo começou nas proximidades da casa de minha mãe, na Região do Cariri, Sul do Estado do Ceará. Precisamente, na primeira escola que estudei, entre o primeiro e quarto ano do Ensino Fundamental.

Quando o sino da escola tocava anunciando o recreio, alguns alunos dentre eles, eu, sentávamos no portão de entrada da escola e, na época, o vigia de pé, declamava os cordéis para a meninada. Se não me falha a memória, alguns folhetos que ele lia eram escritos pelo pai daquele nobre vigia.

Naquele período de infância e adolescência o meu passatempo era escrever paródias de músicas da época, ao mesmo tempo arriscava escrever poesia, mas não a de cordel.

Não comecei cedo a escrever cordel. O meu grande desafio era conhecer a estrutura da poesia popular e unir as estrofes com uma única estória.

Na faculdade optei por pesquisar Literatura de Cordel e somar com a minha formação filosófica. Posteriormente descobri em sala de aula, que essa literatura é um importante caminho de acesso e de despertar a curiosidade filosófica dos alunos. Passei então a escrever cordéis com assuntos filosóficos. Dentre os escritos, tenho Mitologia Grega.

Hoje, no Nordeste do Estado de Minas Gerais, percebo que a Literatura de cordel entrou em minha vida, mostrando-me um mundo de possibilidades, despertando meu universo imaginário e permanecendo como forma viva, das minhas raízes.

Araçuaí – MG, 27 de agosto de 2017

João Uilson Vieira Filho

## PROPOSTAS DIDÁTICAS

João Uilson Vieira Filho

O ensino de Filosofia por meio da Literatura de Cordel é um convite para que o aluno mergulhe no universo poético e encontre pensadores e conceitos filosóficos. Além disso, perceber e compreender a própria história da filosofia.

No contexto atual de multidisciplinaridade, o momento é propício para o diálogo entre filosofia e cordel. Embasados na necessidade de unir forças para o ensino e aprendizagem dos alunos, pensamos e atuamos com a presente proposta didática. Certos de que a sua aplicabilidade não é uma imposição, mas flexível a demanda dos alunos e a criatividade do professor.

Sendo assim, o uso em sala de aula desse material didático pode ocorrer, sugestivamente, da seguinte forma:

Primeiro: O cordel filosófico pode ser lido, pelo professor ou por um aluno e discutido para a melhor compreensão da temática filosófica presente no cordel.

Segundo: Dois ou mais cordéis podem ser distribuídos entre os alunos para que eles leiam e apresentem o resultado de suas compreensões.

Terceiro: A turma pode ser dividida em grupos e cada grupo trabalharia com um cordel de assunto diferente. Em um próximo passo, os grupos expunham o conteúdo lido e estudado para que toda a turma tenha conhecimento.

Quarto: Os alunos podem fazer a leitura do cordel e transformá-lo em música, semelhante ao que fazem os repentistas, que sem o texto escrito, dialogam entre si sobre determinado assunto ou a partir da leitura criar ilustrações, novos poemas, contos e outros cordéis.

Quinto: Após a leitura e estudo da filosofia em cordel, os alunos podem fazer um portfólio da história da filosofia. Isso a partir da criatividade dos alunos.

Estes são apenas alguns exemplos do que pode ser feito com os cordéis filosóficos em sala de aula. Todavia, conforme a dinâmica de ensino e aprendizagem do professor e dos alunos outras possibilidades podem surgir.

O importante é ter claro que, esse material não é uma tentativa de substituir o livro didático, mas de fornecer novas ferramentas de ensino de filosofia, pensando sempre na aprendizagem dos alunos.

## TEORIA DO CONHECIMENTO

Conhecer é arriscado  
Um ato de coragem  
Nada contra a correnteza  
Desfaz toda miragem  
Quem segue tal vereda  
Não se prende a traquinagem

O conhecimento é teoria  
Coisa epistemológica  
Cognoscere é conhecer  
Isso tem uma lógica  
Das formas que se conhece  
Há a fenomenológica

O sujeito que conhece  
É o cognoscente  
Cognoscível é o objeto  
Apreendido pela mente  
Sujeito e objeto  
Relacionadamente

Há formas de conhecer  
Quatro eu vou citar  
Primeiro senso comum  
Muito gosta de enganar  
Segundo o científico  
Quer tudo poder provar

Ainda há o teológico  
Ou melhor, religioso  
O filosófico é o quarto  
Não é coisa de mentiroso

Como eu disse conhecer  
É um ato glorioso.

Pelo senso comum  
Um dia aprendemos  
Manga com leite  
Não misturemos  
Chinelo emborcado  
Deixar não devemos

Sexta-feira treze  
É outra questão  
Dizem ser azar  
Outros leem mão  
Há crença em tudo  
Até explicação

Senso comum é assim  
Tudo no dia-a-dia  
Desde quando nascemos  
Aprendemos quem diria  
Com a vida, o meio e  
Também com a família

O grande Rubem disse  
O Alves precisamente  
Ciência é mudança  
De coisas diariamente  
Mudanças do comum  
Em ciência entende?

A ciência é diferente

De acordo com a idade  
O método antigo  
Difere da modernidade  
Antes observação  
Agora experimentalidade

Aristóteles e Ptolomeu  
Numa visão geocêntrica  
Marcou a idade antiga  
E a média teocêntrica  
Pensamento da Igreja  
Muito egocêntrica

De Ptolomeu a Copérnico  
Muita coisa mudou  
Depois com Galileu  
A visão modificou  
Faltava experimentação  
Que Copérnico anunciou

Copérnico então disse  
Não há geocentrismo  
Provar era difícil  
O heliocentrismo  
Destaque pra Galileu  
Com o seu criacionismo

Ele inventou  
Muitos instrumentos  
Compasso geométrico  
E outros inventos  
É dele a bomba d água  
E grandes pensamentos

O heliocentrismo  
Foi um grande avanço  
Mas a Igreja disse  
Tudo foi engano  
Deus é quem decide  
E nós interpretamos

A mudança era certa  
A visão não era a mesma  
De toda a Idade Média  
Defendida pela Igreja  
O mundo ali se abria  
Numa grande peleja

Newton idealiza  
O mundo mecanicista  
O universo feito máquina  
Visão antes prevista  
Deus é quem mantém  
A máquina da vida

O método científico  
Lembra-nos Descartes  
Com ele tudo mudou  
Tudo de lá para cá  
Este foi um gênio  
Na forma de pensar

O conhecimento teológico  
Acompanha a história  
Temos as mitologias  
E as crenças na memória  
Conhecemos pela fé  
Amor, sofrimento e glória

Na religião judaica  
Temos grandes nomes  
Abraão, Isaac e Jacó  
Uma história de homens  
Iluminados por Deus  
Na glória e na fome

De dentro do judaísmo  
Nasceu o cristianismo  
Jesus era judeu  
Filho do altíssimo  
Judeus e cristãos  
Pregam o monoteísmo

Na cultura grega  
Religião politeísta  
Vemos que os deuses  
Como Zeus egoísta  
Vivem no Olimpo  
Com tudo a sua vista

Há o Hinduísmo  
Filosofia ou religião  
Um conjunto de crenças  
De respeito à tradição  
Também politeísta  
Prega a libertação

O Budismo não é teísta  
Buda é o fundador  
Meditar é importante  
Todo ser é sofredor  
Ser feliz é o caminho

Na luta contra a dor

O conhecer religioso  
Portanto é dogmático  
Não exige a razão  
Às vezes problemático  
E por não ser flexível  
Um tanto emblemático

O conhecer filosófico  
É o pensamento humano  
Em busca da verdade  
Liberta do engano  
Tenta na razão  
Refletir o espanto

A filosofia na Grécia  
Tem origem pré-socrática  
A natureza é a questão  
De forte temática  
Com Sócrates mudou  
O homem é a empreitada

Na Idade Média  
Boécio e a razão  
Com a filosofia  
Sua consolação  
Escreveu sereno  
Mesmo na prisão

Eis um conhecimento  
Dos outros diferentes  
Tem o conhecer racional  
E o empiricamente

Este a experiência  
O outro a razão da gente

Como na ciência  
Mudou no se fazer  
A filosofia teve  
Que pensar e entender  
Para em seguida  
Dá seu parecer

Por isso renascer  
Foi muito defendido  
Não só na ciência  
Nunca específico  
Um movimento geral  
De rompimento e atrito

O renascimento  
Merece atenção  
Um período histórico  
De agitação  
Mudou-se quase tudo  
Sobretudo a visão

A ideia era voltar  
Não para copiar  
Ao período clássico  
Para se inspirar  
E com fundamento  
O pensamento mudar

O foco era a razão  
Em oposição à fé  
Com o iluminismo

Nada ficou de pé  
A luz é da razão  
Assim pensou Voltaire

Existem várias formas  
De pensar e conhecer  
Trouxe essas quatro  
Mas não há como dizer  
Que não existem outras  
Tantas formas de aprender.

## JOÃO UILSON VIEIRA FILHO



Nascido em Barbalha – CE, graduado em filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA em Belo Horizonte – MG (2010). É especialista em Educação profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, Patrocínio – MG (2014). Foi professor na rede Estadual de Educação de Minas Gerais. Atualmente é professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do

Norte de Minas Gerais – IFNMG, Campus Araçuaí. É o autor do livro **Desencontro** pela Editora O Lutador.

[Joao.uilson.vieira.com](http://Joao.uilson.vieira.com)

## RONILSON DE SOUSA LOPES



Nascido em Carolina – MA, passou sua infância na cidade de Goiatins no Estado do Tocantins. Licenciado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA. Possui Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

Atualmente é professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM *Campus Lábrea*.

É o autor do Livro ***Contos do meu sertão*** pela Editora o Lutador e de livro de cordel **O Fofoqueiro** e de vários outros folhetins de cordel. [lopespav@yahoo.com.br](mailto:lopespav@yahoo.com.br)